



Sustentabilidade ambiental, a ética nas e com as relações humanas e as interações afetivas: tríade necessária as pesquisas em Educação Ambiental

Eliane Lima Piske¹
Mariana Costa Neuwald
Narjara Mendes Garcia

Resumo: Este ensaio reflexivo pretende trazer à tona três elementos necessários as pesquisas em Educação Ambiental: a sustentabilidade ambiental, a ética nas e das relações humanas e as interações afetivas. A escrita é teórica e prática na medida em que é ancorada em discussões que aconteceram em um Grupo de Estudos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). O levantamento objetivou refletir sobre os condicionantes éticos ambientais nos e com os estudos em Educação Ambiental (EA). Os resultados apresentam que as ações coletivas são capazes de transformar as dificuldades em mudanças que, se solidificam pela e com a luta, a participação e o envolvimento ativo que ganham forças nas discussões mobilizadas nas pesquisas em EA e no cotidiano de nossas atuações.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ética. Relações humanas. Interações.

**Environmental sustainability, ethics in human relations and afectivas interactions:
triad necessary research in Environmental Education**

Abstract: This reflective essay seeks to light three necessary elements for research in Environmental Education: environmental sustainability, ethics in and from relationships and affective interactions. The writing is theoretical and practical as it was based on discussions that took place in a Study Group by the Post-Graduation Program in Environmental Education (EE) studies. The results demonstrate that collective actions can turn difficulties into changes and that they are solidified by and with the struggle, the participation and the active involvement, that gain strength in the discussions mobilized in the researches in EE and in our practices.

Keywords: Environmental Education. Ethics. Human relations. Interactions.

¹Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Grupo de Estudos Ecoinfâncias- infâncias, ambientes e ludicidade. Colaboradora do Centro de Referência em Apoio à Família (CRAF/FURG). Email: e.nanny@hotmail.com.

Sustentabilidade ambiental, a ética nas relações humanas e as interações afetivas: tríada necessária nas investigações em Educação Ambiental

Resumen: este ensaio pretende trazer a discussão três elementos necessários na investigação em Educação Ambiental: a sustentabilidade ambiental, e a ética nas relações humanas e as interações afetivas. O escrito é teórico e prático na medida em que se ancla em discussões que sucedem em um grupo de estudo por um programa de pós-graduação em educação ambiental da Universidade Federal de Rio Grande (PPGEA/FURG). O objetivo é refletir sobre os condicionantes éticos ambientais de nós e com os estudos em educação ambiental (EA). Os resultados apresentando as ações coletivas que são capazes de transformar as dificuldades em mudanças que se consolidam por e com a luta, a participação e o desenvolvimento ativo que ganham força nas discussões mobilizadas na investigação em EA e no cotidiano de nossas atuações.

Palabras clave: Educação Ambiental. Ética. Relações humanas. Interações.

1. O todo é mais que a soma das partes

É urgente dialogar e questionar sobre as interações humanas e refletir sobre os condicionantes éticos ambientais seja, em espaços formais ou não formais de educação. O objetivo deste ensaio é contribuir nesta discussão já que, o *ser* precisa e deve estar e permanecer em interações que sejam afetivas para o bem-estar dos seres humanos e não humanos. Este artigo emerge do encontro entre duas educadoras ambientais no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG) e pela oportunidade de participarem do mesmo Grupo de Estudos, onde são mobilizadas discussões que perpassaram os muros acadêmicos, contando com uma orientadora competente e envolvida com os movimentos sociais, como as escolas e as famílias. Além disso, possibilitar o encontro de educadoras e a aproximação e o fortalecimento à vertente teórica e metodológica sistêmica, sendo esta as “lentes” usadas pelas duas educadoras ambientais para olhar e buscar compreender o mundo, desafio possível pelo e com o envolvimento ao aliar o ensino, a pesquisa e a extensão nas pesquisas em Educação Ambiental (EA). Além do tripé exposto mencionamos o quanto é importante para e com os estudos em EA a tríade: sustentabilidade ambiental, a ética nas e com as relações humanas e as interações afetivas.

Acreditamos na potência que esses elementos interativos têm na relação entre si e com o ambiente natural. Constatamos, ao longo das nossas vivências, estudos e práticas que as relações nos contextos formais e não formais carecem de atuações coletivas e de um olhar atento com e entre os condicionantes éticos, sem dissociar a ciência, o político, o

econômico, o geográfico e o social, que são e fazem o ritmo de uma sociedade em busca da sustentabilidade ambiental. Cientes de que em tempos de crise não é somente o ambiente natural que sofre com os resultados negativos do uso abusivo dos recursos naturais, isso também é evidenciado diariamente nas relações humanas, que cada vez mais se tornam líquidas e egoístas, descartáveis como se fossem produtos que podemos comprar, será que podemos adquirir as relações?

Muito mais do que acreditar, mas, vivenciar a perspectiva sistêmica, nós educadoras apostamos na interconexão dos seres e dos ambientes, compreendendo o sistema que integra o todo, sendo este bem mais que a soma de suas partes. Os elementos presentes nas pesquisas em Educação Ambiental (EA) em espaços formais e não formais trazem consigo, bem mais que uma ideia de envolvimento, que são necessários ao desenvolvimento humano mas, aliam afetuosamente educadoras ambientais, suas pesquisas e crenças.

Tendo como fundamento teórico a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011) foi possível chegar a tríade: sustentabilidade ambiental, ética nas e das relações humanas e as interações afetivas como sendo propulsoras de saberes ambientais, conforme acompanharemos mais adiante. Acreditamos que a interação destes saberes com as práticas podem contribuir na promoção de uma ação e atuação mais responsável e consciente da pessoa na e em sua relação com o mundo. É necessário fortalecer cada sujeito como responsável e importante dentro desta roda viva e fortificar os grupos sociais, de forma a torná-los cada vez mais envolvidos e interessados em participar e contribuir da e na construção do seu cotidiano, exercendo sua cidadania.

O ensaio está organizado da seguinte forma: o subitem *os encontros* que, evidenciam que não estamos fora do ambiente somos pessoa e contexto assim, ambos os influenciam e sofrem a influência: pessoa-ambiente ou ambiente-pessoa. Ancorando *as chegadas e partidas* onde, mobilizamos uma interação entre e com uma sensibilidade amorosa para assim, pensar os ambientes e as relações entrelaçadas nas pesquisas em Educação Ambiental. Concluímos por ora a discussão pelo subitem, *os caminhos se fazem trilhando* já que, estar e permanecer envolvidas nas e com as discussões pela e com a sustentabilidade ambiental, a ética nas e com as relações humanas e as interações afetivas são e fazem a diferença que almejamos nas pesquisas em Educação Ambiental por isso, não podemos *ter* um ponto final, mas, *ser* o início que precisa e deve estar e permanecer em constante mobilização pelo *ser* coletivo em tempos de lutas para que o *ter* não sobressaia jamais ao *ser* que precisa e deve *ser mais humano*, sempre!

2. Os encontros

Na perspectiva sistêmica (CAPRA, 2006), que sempre foi e é pano de fundo das discussões presentes entre e com as duas educadoras, percebemos e podemos reforçar nossas ideias de que não estamos fora, estamos junto (pessoa) e ambiente (contexto), vivendo uma relação multicausal, onde um influencia o outro e vice-versa. O que não é e jamais será casual é a mobilização que deve e precisa ser a força da nossa luta pelo e com o bem estar da humanidade, conforme menciona Bronfenbrenner (2011), precisamos ser seres humanos mais humanos. É fácil se articular com o *ser* e não com o *ter*, como alerta Velasco (2016) que vem e vai ao encontro de um novo mundo/homem, Boff (2001).

Chamamos a responsabilidade das e pelas transformações para todos em suas ações cotidianas “há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores” (CAPRA, 2006, p. 23). Estes aspectos trazem consigo uma ideia de envolvimento e atenção necessários ao desenvolvimento sadio dos sujeitos e em suas relações de afeto e mudanças de atitudes. Podem ainda traduzir a ideia de cuidado expresso por Boff: “sendo mais que um momento de zelo, atenção e desvelo, mas uma atitude de ocupação, de atenção, de responsabilização e de envolvimento afetivo em relação com o outro” (BOFF, 2014, p. 37), ou seja, de um verdadeiro e real interesse com/pelo o que é do outro, com o cuidado e zelo tão necessários as relações humanas, contribuindo assim, na formação de apegos emocionais mais sólidos e duradouros (BRONFENBRENNER, 1996), tão importantes para o desenvolvimento saudável da pessoa em desenvolvimento.

O que coopera para os arrolamentos da tríade sustentabilidade ambiental, a ética nas e com as relações humanas e as interações afetivas nas e com as pesquisas em EA além, disso, mencionamos que é necessário também estar e ser presente nas ações cotidianas e que são nossos atos que transformam os acontecimentos já que, são as nossas ações que contribuem para uma sociedade autônoma, crítica e ciente que, é através de nossas atuações que podemos fazer e ser a diferença que almejamos. Reforçamos a importância das pesquisas em EA, mas, não podemos e não devemos dissociar o que realizamos nos estudos com o que fazemos na nossa vida cotidiana. Por isso, nossa aposta na Educação Ambiental Ecomunitarista (VELASCO, 2016) para rejuntrar ciências e romper com a dicotomia pesquisa e atuações.

A Educação Ambiental Ecomunitarista (VELASCO, 2016) é baseada em valores: cooperação, liberdade, democracia, participação, solidariedade e de/com um respeito ao meio ambiente. Entendemos como fundamental que estes valores estejam presentes nas relações humanas e com o ambiente onde, o *ser* seja e faça a diferença e não o ter mais onde, alerta Velasco (2016) que são as malezas desse tempo desenfreado pelo comprar e ter cada vez mais bens materiais aonde humanos vão substituindo o usado pelo novo consequentemente, trocando e descartando desenfreadamente no habitat que deveria *ser* natural, mas, o que encontramos?

Como já apresentamos e fortalecemos o diálogo na introdução, escrevemos o artigo na intenção de mobilizar uma reflexão permanente a respeito das potencialidades do *ser* como social e de cooperação, que possa viver de forma harmônica e ética com e em seu meio. O *ser*, então, precisa e deve ser consequência de uma sociedade onde o *ser* faça a diferença evidentemente, o *ser* seja decorrência de uma sustentabilidade ambiental e não pelo desenvolvimento sustentável que é capitalista/produtor. O desenvolvimento capitalista muitas vezes pode ser confundido (e justamente usa disso a seu favor) com a ideia de sustentabilidade, mas, ao nosso entendimento, esta relação não existe e não é possível.

O desenvolvimento capitalista visa somente a garantia e permanência do lucro, em oposição à valorização pessoal e dos recursos naturais. Os saberes ambientais que aqui defendemos, conforme Leff (2001) opõem-se a esta conexão, a lógica racional do capital e do mercado, e buscam uma (re)articulação entre as relações sociedade-natureza, incluindo os valores éticos e conhecimentos práticos cotidianos e tradicionais ao integrar os saberes ambientais: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder (LEFF, 2001). Incluímos, nestes saberes as relações de afeto, a ética ambiental que afetuosamente dialoga com a Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2011) ao integrar nas e com as relações sociais a pessoa, o processo, o contexto e o tempo (PPCT) que precisam e devem ser indissociáveis aos saberes que são ambientais, conforme Leff:

Não obstante, a interdisciplinariedade aplicada ao campo ambiental levou as formulações gerais que orientam uma visão holística e integradora do processo de desenvolvimento (...). Desta maneira, passou-se de uma concepção da complexidade como uma visão ecologizada do mundo, a caracterizar o ambiente como conjuntos gerais de relações e agregados de processos: sociedade-natureza, população-recursos, ambiente-desenvolvimento (LEFF, 2001, p. 226).

Precisamos refletir sobre os saberes ambientais e as relações que acontecem entre e com a sociedade-natureza; população-recursos; ambiente-desenvolvimento das educações,

já que, conforme Brandão (2005) a educação perpassa por todos os espaços que ocupamos, por todas as relações que temos, conforme Minini: “somos seres humanos complexos e o nosso desenvolvimento não se dá separadamente; assim o físico, o cognitivo, o social e o afetivo/emocional estão interligados” (MININI, 2016, p. 72). Vindo ao encontro do que ressalta Sánchez: “a percepção sobre o ambiente, por meio dos sentidos, é filtrada pelo conhecimento, pelos interesses, pelos valores culturais e pela **educação** de um indivíduo ou uma sociedade” (SÁNCHEZ, 2011, p. 79, grifo das autoras).

Defendemos que, o ambiente familiar (nuclear ou não) é um contexto educativo e as interações que ali ocorrem desempenham um importante papel na construção do sujeito, e deve então ser considerado um espaço de formação, uma comunidade aprendente (Brandão, 2005) que, materializada pelas e com as quatro ecologias: a ecologia social e política, a ambiental, a integral e a mental, (BOFF, 2014) fazem e materializam o PPCT, presentes e indissociáveis na Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011). Por isso, nossa defesa por uma sustentabilidade ambiental, que integre as quatro ecologias com e pelo PPCT, e não pelo intitulado desenvolvimento sustentável, que conforme Velasco (2016) são e constroem as malezas da degradação do meio ambiente (pessoa/contexto).

É evidente o caráter de um olhar e postura atenta a crise ecológica-humanitária (BOFF, 2001) que exige de todos os cidadãos uma atuação conjunta pelas possibilidades de pensar e agir harmoniosamente em e no seu entorno ao buscar e promover atuações que sejam pelo *ser* e não pelo *ter*: “como vemos, ocupar-se do **meio ambiente** é preocupar-se com o futuro da Terra e da vida. Precisamos de um outro padrão de produção e consumo” (BOFF, 2012, p. 14, grifos das autoras). Sendo assim, é impossível deixar de mencionar o quanto precisamos ser para (re)significar estes saberes ambientais: os afetos e as interações humanas pela e com a educação que precisa e deve ser pautada na ética ambiental pelo e com o cuidado com a Terra/vida. Precisamos estar, buscar e desafiar para assim, encontrar possibilidades cooperativas, interativas e ativas para superar a dicotomia ambiente – família, pois afinal, são complementares: “o sistema familiar é o alicerce da manutenção a longo prazo de uma rede de vida chamada comunidade”. (STONE, et al., 2006, p. 41).

Cabe compreender, conforme Bronfenbrenner (1996) traz em seus estudos sobre desenvolvimento humano que a afetividade, a reciprocidade e o equilíbrio de poder são fatores que contribuem para um desenvolvimento saudável da pessoa em desenvolvimento e, assim, favorecem para que ocorram relações educativas ancoradas em práticas e saberes éticos que precisam e devem ser no e com o coletivo dos afazeres que não podem

privilegiar uns em detrimento do péssimo padrão da existência de outros. Conforme Capra: “quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes”. (CAPRA, 2006, p. 23).

Para Bronfenbrenner (2011), na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o desenvolvimento humano consiste em um processo de interação recíproca entre o processo, a pessoa e o seu contexto, através do tempo. Vindo ao encontro da visão sistêmica (CAPRA, 2006) que integra o ser em sua totalidade onde, o tempo sofre a influência pelo processo das pessoas que fazem e são o ritmo de uma sociedade em busca harmonica dos recursos humanos/naturais. Somente através de ações que envolvem aspectos de cuidado e verdadeiro envolvimento é que as relações humanas e destas com o meio ambiente natural podem ser saudáveis ao planeta e assim, à nossa vida enquanto humanidade (humanos e não humanos).

Vindo ao encontro das palavras de Capra: “na realidade, descobrimos que a coisa ia até mais além, na medida em que constatávamos que não se tratava só de ver e perceber as coisas a partir de nossas premissas e teorias (paradigmas...), mas também de como nos **colocávamos** no mundo... (CAPRA, 2006, p. 13). O desenvolvimento da pessoa não envolve só aprendizagem, mas um modelo de vida. Vai além de pensar o ensino e a aprendizagem de forma tradicional, onde o docente ensina e o educando aprende, como advertiu Freire (1996). Passa e perpassa pelas e com as relações que são estabelecidas e pela qualidade destas afinidades. O ambiente onde, estas relações ocorrem também pode exercer influência sobre o desenvolvimento da pessoa, podendo apresentar o ter ou o ser capaz de mobilizar o *ser* mais responsável e ético Velasco (2016).

Para que o desenvolvimento da pessoa aconteça de forma positiva é necessário uma interação dos quatro níveis que se complementam e completam, formando o que Bronfenbrenner (2011) chama de meio ambiente bioecológico, sendo eles: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. O Processo dá ênfase aos processos proximais, que são compreendidos como formas particulares de interação que se tornam progressivamente mais complexas ao longo do tempo, podem ocorrer também entre a pessoa em desenvolvimento, os objetos e/ou os símbolos, o que mantém a atividade mesmo na ausência de outras pessoas.

É preciso um resgate e o fortalecimento de sentimentos como empatia e cooperação, por exemplo, ao buscar e criar laços e vínculos afetivos e interativos, contribuição para o desenvolvimento saudável e integral das pessoas em desenvolvimento

– todos nós, visto que estamos todo o tempo nos tornando, reinventando e firmando nosso ser e nossas crenças através, da forma como vivemos e atuamos no e com o mundo, nossos trabalhos e nossos diálogos, nossas bandeiras e nossas vivências juntos, somos e fazemos a diferença que almejamos!

3. As chegadas e as partidas

Nossos estudos em Educação Ambiental não podem desconsiderar e dicotomizar as dimensões afetivas, sociais e humanas das nossas ações cotidianas. Mas, é muito mais do que isso, nós educadoras ambientais não podemos e não vamos separar em partes, sob o risco de perder o todo por isso, nossa aposta no sistêmico “a partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções “sustentáveis”. O conceito sustentável adquiriu importância-chave no movimento ecológico e é realmente fundamental” (CAPRA, 2006, p. 24). Desta forma, no andamento dedicado ao Grupo de Estudos buscamos estar e participar ativamente *com* os outros nas discussões sendo, cada vez mais engajadas nas discussões que são possibilidades ativas para ouvir, conversar e sentir as percepções e necessidades dos e entre os pares, além de, coletivamente, (re)pensar e problematizar práticas e saberes sustentáveis entre e com os educadores ambientais.

Essas foram possibilidades de interagir demonstrando e executando afeto e cuidado, estruturando um modo-de-ser cuidado que, segundo Boff (2014), é a única possibilidade de reverter a crise que nos assola enquanto indivíduos e sociedade sendo, uma possibilidade para deixar o individual pelo e com o *ser* coletivo. A interação entre e com a tríade mencionada integra os saberes ambientais pela e com a sensibilidade amorosa, já que foi o que buscamos ao pensar os ambientes e as relações intrínsecas. Na conjuntura de uma crise ecológico-humanitária (BOFF, 2012) criar espaços de diálogo e de escuta se faz e é urgente. Por isso, mencionamos duas pesquisas que foram alicerçadas e desenvolvidas pelo PPGEA/FURG, que possui apenas uma área de concentração: Educação Ambiental, mas em duas linhas de pesquisas diferentes: Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores(as) (EAEFE) e a Educação Ambiental Não Formal (EANF), encontro possível pela participação das pesquisadoras no Grupo de Estudos.

Vale mencionar a contribuição do grupo para e com as pesquisas realizadas no PPGEA/FURG. A seguir vamos apresentar um retrospecto da criação do grupo de estudos. Foi criado no ano de 2014, e vem cada vez mais ganhando espaço ao problematizar a Educação Ambiental com encontros mediados por uma jovem e atuante professora Mestra

e Doutora pelo PPGEA/FURG, as reuniões inicialmente, eram mensais até que, no ano de 2017 começaram a ser quinzenais. Com a tabela a seguir podemos visualizar as nomenclaturas ao longo dos 5 anos além, da quantidade de encontros.

Tabela 1: Grupo de Estudos

Grupos de Estudos	Ano	Quantidade de encontros
Educação Parental	2014- 2015	17
GIEPES	2016- 2017	22
Ecoinfâncias	2018	8

Fonte: Dados elaborados pelas pesquisadoras, 2018.

Conforme podemos acompanhar o Grupo começou os estudos no ano de 2014 recebendo como nome Educação Parental, mas, como a equipe era multidisciplinar e de diferentes áreas do conhecimento, no ano de 2016 foi mudado o nome para: Grupo Interdisciplinar de Estudos em Educação Parental Escolar e Social (GIEPES). Foi no mesmo ano que aconteceu o encontro das duas educadoras ambientais ao participarem do Grupo que, abriu espaços e possibilidades para felizes parcerias onde, desde então estudam, constroem e fortalecem os diálogos acerca da Educação Ambiental e suas múltiplas e latentes possibilidades. Vindo ao encontro de ideias e ideais firmados pela luta e atuação ao envolver: a perspectiva sistêmica e a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, Bronfenbrenner (2011)

No final do ano de 2017 com o ingresso de uma nova professora também Mestre e Doutora em Educação Ambiental pelo PPGEA, passamos por uma nova organização e assim, coletivamente escolhemos um novo nome para o Grupo de Estudos já que, era necessário integrar as discussões acerca da corporeidade e ludicidade foi assim que, no ano de 2018 o Grupo de Estudos começou a se chamar Ecoinfâncias- infâncias, ambiente e ludicidade. O Grupo atualmente conta com 1 Coordenadora, 1 vice-coordenadora, 1 bolsista Pós-Doutorado, 5 Doutorandas, 6 Mestrandas e 14 estudantes de graduação (Educação Física e Pedagogia) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), 5 professoras da rede municipal do município de Rio Grande, 1 professora da rede privada do município e 4 Pedagogas formadas.

Vale mencionar que, no primeiro semestre de 2018 os encontros do Grupo Ecoinfâncias aconteceram de 15 em 15 dias, nas sextas-feiras onde, totalizaram 8 encontros já, no segundo semestre os encontros serão as quartas-feiras. As discussões do

primeiro semestre do Grupo de Estudos foram a partir das leituras dos capítulos do livro *Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados* (BRONFENBRENNER, 1996). Já, no segundo semestre os estudos serão a partir do livro *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando seres humanos mais humanos* (BRONFENBRENNER, 2011).

Como é bom fazer e ser parte dessa construção coletiva, pois, o Grupo integra e fortalece parcerias de diferentes áreas do conhecimento o que, mobiliza discussões compartilhadas pelo e com o conhecer as bases teóricas. O Grupo de Estudos abarca uma grande diversidade de personalidades e pesquisas e é interessante ver a conexão que há entre todos os participantes que, dividem angústias e vitórias nos encontros, além de leituras e autores. Cabe destacar que o grupo é composto em sua maioria por mulheres, aspecto interessante de ser analisado sob o ponto de vista da sociedade patriarcal e capitalista onde, o cuidado é tarefa *mor* do sexo feminino, mas isso é assunto para outro artigo, fica aqui apenas como registro.

O Grupo de Estudos mobiliza discussões sobre as três vertentes da Educação Ambiental: Crítica, Sistêmica e Pós-Estruturalista. Mas, nós somos movidas e apaixonadas pela perspectiva sistêmica (CAPRA, 2006) e a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano Bronfenbrenner (2011), nossa opção teórica além, da nossa aposta ao escrever este artigo. As participantes do Grupo de Estudos fazem do seu saber mais do que apenas uma teoria, mas executam em suas práticas estes saberes e buscam promover reflexões pessoais e coletivas em seus espaços de atuação. Este aspecto fica claro nas produções realizadas no grupo, especialmente pelas apostas teóricas e metodológicas. Citaremos, resumidamente, as duas dissertações de mestrado sendo, resultado das pesquisas e das discussões que foram fortalecidas no Grupo de Estudo sob orientação competente das educadoras e pelo real interesse e envolvimento das pesquisadoras.

A primeira, desenvolvida em contexto não formal, as instituições de acolhimento que são espaços que recebem crianças e adolescentes retirados das famílias por determinação judicial, por até dois anos conforme, estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). A pesquisa aconteceu numa instituição governamental e em outra não governamental, ambas no município de Rio Grande/RS, dissertação defendida em março de 2016. Participaram sete crianças na faixa etária de sete até doze anos de idade no intuito de investigar as percepções, intitulada- instituições de acolhimento sob o olhar das crianças: que lugar é esse? Tendo por base teórica a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011) e metodológica a Inserção Ecológica

(CECCONELLO; KOLLER, 2004), seguida da Entrevista Reflexiva associada ao uso da Câmera Digital. Para análise dos dados utilizamos a Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009) com apoio do *software* Atlas.Ti (ARIZA, et al., 2015). Sendo assim, emergiu a temática central: *lugar físico* seguido, das categorias lugar transitório e de privações (PISKE, 2016; PISKE, et al., 2018).

A segunda, defendida em março de 2018, buscou reforçar o papel da família enquanto educadora ambiental. Compreende que os saberes e as habilidades parentais não surgem no mesmo momento em que nascem os filhos, e sim são construídas com base em crenças e vivências tanto da família em questão (microsistema) quanto da cultura em que estão imersas (macrossistema). É, então, bastante importante que os pais e as mães possam ter suporte e apoio no desenvolvimento e no exercício destas. A pesquisa foi realizada com a comunidade escolar de duas escolas municipais da cidade de Rio Grande/RS, foi qualitativa e teve como metodologia a Inserção Ecológica, utilizando como estratégias para o fomento de dados o grupo focal e o diário de campo. Para a análise dos dados foi utilizada a *Grounded-Theory*, ou Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009). Os resultados apresentam três categorias: Teorias Implícitas das Famílias, Responsabilidade Socioambiental e Descaso Socioambiental, identificadas a partir de uma relação entre as falas dos participantes da pesquisa e de referenciais e conceitos teóricos da Educação Ambiental e psicologia. Os resultados apontam, então, que as famílias possuem saberes e práticas que as direcionam para uma possibilidade de promover respeito e cuidado das crianças e adolescentes ao ambiente onde vivem, seja este natural ou simbólico, através da participação, humanização, concepção sistêmica do ambiente e ética ambiental. Além disso, apontam também a existência de práticas parentais que acabam por promover a manutenção da crise ambiental e social em que nos encontramos, enquanto sociedade, através da individualização e da violência intrafamiliar. Estes resultados nos mostram possibilidades do exercício da parentalidade, despontam que os pais ou responsáveis exercem o papel de educadores ambientais e também a disponibilidade das famílias ao diálogo, à reflexão e à troca de saberes sobre a contínua tarefa de educar os filhos para atuação e transformação do mundo em que vivemos (NEUWALD, 2018).

Não foi e nem é casual a aposta metodológica de ambas as pesquisas já que, integrar a Bioecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 2011) com e pelas bases da Inserção Ecológica (CECCONELLO; KOLLER, 2004) foi e é potente para as pesquisas em Educação Ambiental ainda mais, que as análises dos dados foram realizadas pela Teoria Fundamentada nos Dados (CHARMAZ, 2009). Os metatextos foram

construídos pelas expressões dos participantes sendo, fidedignas pelas e com as informações que foram coletadas com a realização das pesquisas. Sendo assim, os caminhos trilhados foram e são percussores para finalizar, por ora, conforme acompanhamos a seguir:

4. Os caminhos se fazem trilhando no e com o coletivo

Nossa intenção ao escrever este artigo foi ressaltar, intensificar e valorizar às práticas e discussões coletivas dentro do campo da Educação Ambiental, neste caso, através da participação no Grupo de Estudos que, resultaram nas duas pesquisas de Mestrado defendidas no PPGEA/FURG mas, não podemos e não devemos esquecer que, nossas atuações são e devem mobilizar o tripé ensino, pesquisa e extensão nas nossas ações cotidianas. Sendo assim, entrelaçamos os estudos pela aponta nos e com os saberes ambientais: a sustentabilidade ambiental, a ética e os afetos que foram e estiveram presentes, não somente nas pesquisas emergentes, mas, para, além disto, foram dadas nas discussões do Grupo de Estudo. Esses elementos foram potentes nas discussões mobilizadas pelas educadoras no e com os estudos sendo e encontrando possibilidades cooperativas para ser mais humanas/afetuosas nas relações que se fazem caminhando coletivamente.

Como foi e é bom ser cuidado pelo outro, já que construir dissertações e teses não pode e não deve ser um momento solitário e/ou de privações entre e com o contextos/pessoas, caso contrário, poderá ser mais uma ferramenta para o desenvolvimento sustentável (capitalista/produtor). Sendo assim, participar do Grupo de Estudos foi (e ainda é) sem dúvidas um momento ímpar para compartilhar conhecimentos acadêmicos, mas, é além, pois, podemos firmar vínculos afetivos e colaborativos entre e com educadores ambientais onde, o *ser* prevalece e as construções coletivas mostram-se potentes e capazes de direcionar várias direções, mas, a escolha é nossa!

Somos nós que escolhemos: caminhar sozinhos ou contar com o(s) outro(s), qual escolhemos? A decisão é nossa! Somos nós que trilhamos e optamos, não é mesmo? Vamos ser e estar no coletivo para encontrar e ter a força necessária para e com uma e/ou (várias) mobilizações que, juntas somam e fazem o *ser com* sustentabilidade ambiental, relações mais éticas e interações mais afetivas, sendo a *trilogia* pelo *ser* mais, cada vez mais humano, ético e afetivo no e com o mundo.

Referências

ARIZA, Leidy Gabriela; DIAS, Vania de Moraes. SOUSA, Robson; NUNES, Bruna; GALIAZZI, Maria Carmo; SCHIMIDT, Elisabeth Brandão. Articulações metodológicas da análise textual discursiva com o *Atlas. Ti* compreensões de uma comunidade aprendente. In Congresso Educação 2015. **Anais 4.º. Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa**, Universidade Tiradentes, Aracaju- Brasil, 2015. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/273>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**. Ed Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral**/Leonardo Boff.- Rio de Janeiro: Mar de ideias: Animus Anima, 2012.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar - ética do ser humano- compaixão pela terra**. 20ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº. 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, v. 1, 2005.

BRONFENBRENNER, Urie. **A bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**/ UrieBronfenbrenner; tradução: André de Carvalho-Barreto; revisão técnica: Sílvia Helena Koller. –Porto Alegre: Artmed. 2011.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano. Experimentos naturais e planejados**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**/ Fritjof, Capra; tradução Newton Roberval Eicheemberg. –São Paulo: Cultrix, 2006.

CECCONELLO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção Ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In: KOLLER, S. H. (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CHARMAZ K. A. **Construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 272p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.

MININI, Vanda Cristina Moro. **Educação Infantil para a Sustentabilidade**. Editora Agbook, 2016.

NEUWALD, Mariana Costa. **Educação Ambiental nas famílias: interfaces entre as práticas parentais e os saberes ambientais**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, 2018. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012335.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

PISKE, Eliane Lima. **Instituições de Acolhimento sob o olhar das crianças: que lugar é esse?** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, 2016. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011223.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

PISKE, Eliane Lima; YUNES, Maria Angela Mattar; BERSCH, Angela Adriane; PIETRO, Angela Torma. Práticas educativas nas instituições de acolhimento sob o olhar das crianças. **Revista de Educação Pública- UFMT** (no prelo), 2018.

SÁNCHEZ, Celso. **Ecologia do corpo**/ Celso Sánchez- Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

STONE, Michael; BARLOW, Zenobia; ORR, David, CAPRA, Fritjof; DUAILIBI, Mirian. **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. – São Paulo: Cultrix, 2006.

VELASCO, Sírio Lopez. Ideias para a educação ambiental ecomunitarista comunitária. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** E-ISSN 1517-1256, v. 33, n.2, 317-330, maio/ago, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6202>>. Acesso: 14 jul. 2018.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 26-11-2018.